

## Metodologias Ativas: O Aluno como Protagonista da Própria Aprendizagem

**Ozeneia dos Santos Teixeira**

*Discente do Curso Doutorado em Ciências da Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará*

**Luzenir Ferreira Batista**

*Discente do Curso de Mestrado em Ciências da Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará*

**Resumo:** O presente artigo analisa as metodologias ativas como estratégias fundamentais para a promoção do protagonismo discente e a melhoria da qualidade no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo central é investigar como a transição do modelo de ensino tradicional para abordagens centradas no estudante favorece o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais. A fundamentação teórica ancora-se nas concepções de autores como Piaget, Vygotsky, Freire e Moran, que discutem a autonomia, a mediação pedagógica e a construção social do conhecimento. Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, abordando estratégias como a Sala de Aula Invertida, a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e o Ensino Híbrido. Os resultados indicam que o protagonismo do aluno amplia o engajamento e a motivação, ressignificando o erro como parte integrante da investigação científica. Conclui-se que, embora a implementação enfrente desafios relativos à formação docente e à cultura avaliativa, as metodologias ativas potencializam uma formação integral, crítica e autônoma, essencial para as demandas da sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Metodologias Ativas, Protagonismo Discente, Autonomia, Mediação Pedagógica, Educação Contemporânea.



Recebido em: dezembro. 2025. Aceito em: março. 2026

DOI: 10.56069/2676-0428.2026.782

**Epistemes em Debate: Perspectivas Interdisciplinares**

*Abril, 2026, v. 3, n. 37*

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



## **Metodologías Activas: El Alumno como Protagonista de su Propio Aprendizaje**

**Resumen:** El presente artículo analiza las metodologías activas como estrategias fundamentales para promover el protagonismo estudiantil y mejorar la calidad del proceso de enseñanza-aprendizaje. El objetivo central consiste en investigar cómo la transición del modelo de enseñanza tradicional hacia enfoques centrados en el estudiante favorece el desarrollo de competencias cognitivas y socioemocionales. La fundamentación teórica se sustenta en las concepciones de autores como Piaget, Vygotsky, Freire y Moran, quienes discuten la autonomía, la mediación pedagógica y la construcción social del conocimiento. Metodológicamente, el estudio se caracteriza como una revisión bibliográfica de naturaleza cualitativa, abordando estrategias como el Aula Invertida, el Aprendizaje Basado en Problemas (ABP) y la Enseñanza Híbrida. Los resultados indican que el protagonismo del alumno amplía el compromiso y la motivación, resignificando el error como parte integrante de la investigación científica. Se concluye que, aunque su implementación enfrenta desafíos relacionados con la formación docente y la cultura evaluativa, las metodologías activas potencian una formación integral, crítica y autónoma, esencial para las demandas de la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Metodologías Activas, Protagonismo Estudiantil, Autonomía, Mediación Pedagógica, Educación Contemporánea.

## **Active Methodologies: The Student as the Protagonist of Their Own Learning**

**Abstract:** This article analyzes active methodologies as fundamental strategies for promoting student protagonism and improving quality in the teaching-learning process. The central objective is to investigate how the transition from the traditional teaching model to student-centered approaches favors the development of cognitive and socio-emotional skills. The theoretical foundation is anchored in the conceptions of authors such as Piaget, Vygotsky, Freire and Moran, who discuss autonomy, pedagogical mediation and the social construction of knowledge. Methodologically, the study is characterized as a qualitative literature review, addressing strategies such as the Flipped Classroom, Problem-Based Learning (PBL) and Hybrid Teaching. The results indicate that the student's protagonism increases engagement and motivation, giving new meaning to error as an integral part of scientific investigation. It is concluded that, although the implementation faces challenges related to teacher training and the evaluative culture, active methodologies enhance an integral, critical and autonomous education, essential for the demands of contemporary society.

**Keywords:** Active Methodologies, Student Protagonism, Autonomy, Pedagogical Mediation, Contemporary Education.

## INTRODUÇÃO

A educação contemporânea atravessa um período de intensas transformações, impulsionadas pelas novas demandas de uma sociedade globalizada e tecnologicamente integrada. Esse cenário exige que as instituições de ensino revisitem suas práticas, uma vez que o modelo pedagógico tradicional — pautado na transmissão vertical de informações e na memorização — tem demonstrado limites severos na formação de indivíduos críticos e autônomos. Diante da obsolescência da passividade discente, torna-se imperativo o fomento a estratégias que promovam o engajamento e a participação ativa no processo de construção do saber.

Nesse contexto, as metodologias ativas emergem como uma ruptura necessária, propondo que o aluno deixe de ser um mero receptor de conteúdo para se tornar o protagonista de sua própria aprendizagem. Tais práticas fundamentam-se na premissa de que o aprendizado é mais significativo quando o estudante é estimulado a investigar, colaborar e resolver problemas reais, desenvolvendo competências que extrapolam o domínio puramente conceitual.

O presente artigo busca investigar a seguinte problemática: de que maneira as metodologias ativas favorecem o protagonismo do aluno em sua própria aprendizagem? Para responder a essa questão, o estudo objetiva analisar a transição do papel do estudante, a relevância do professor como mediador e o impacto de estratégias como a sala de aula invertida e o ensino híbrido na autonomia discente. Ao final, espera-se que a reflexão contribua para a compreensão de como essas abordagens podem elevar a qualidade do ensino e a eficácia das práticas pedagógicas na atualidade.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DAS METODOLOGIAS ATIVAS

A compreensão das metodologias ativas exige, primordialmente, o entendimento de que estas não se limitam ao uso de ferramentas tecnológicas, mas fundamentam-se em uma sólida base teórica que redefine as relações de ensino-aprendizagem. Diferentemente do modelo passivo, onde o fluxo de informação é majoritariamente unidirecional e o aluno é posicionado como um receptáculo de conteúdos, os pressupostos teóricos aqui abordados sustentam uma educação voltada para a ação e para a reflexão constante do estudante sobre o seu próprio processo de conhecer.

Historicamente, as raízes desse movimento remetem ao pragmatismo de John Dewey, que já no início do século XX defendia que a educação deve ser centrada na experiência e na atividade do aprendiz. Para Dewey (1959, p. 23), "a educação é um processo de vida e não uma preparação para o viver futuro". Sob essa ótica, as metodologias ativas recuperam a ideia de que o conhecimento não é algo estático a ser meramente transmitido, mas sim construído por meio da interação dialética entre o sujeito, o objeto de estudo e o meio social em que está inserido.

Nesse sentido, a transição para métodos ativos implica o que Paulo Freire denomina como superação da "educação bancária". Segundo Freire (1987, p. 58), na concepção bancária, "o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber". As metodologias ativas rompem com essa lógica ao propor uma pedagogia da pergunta e da investigação, onde a autonomia e o protagonismo discente são os eixos centrais do fazer pedagógico.

Assim, os referenciais teóricos que balizam esta abordagem buscam superar a fragmentação do saber, promovendo uma integração entre teoria e prática que estimule o pensamento crítico e a resolução de problemas complexos. Conforme aponta Moran (2018), as metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento, de forma individual e coletiva, visando o desenvolvimento de competências amplas.

Aqui, serão explorados os pilares que sustentam essa abordagem, perpassando pelas concepções de aprendizagem que dão suporte à participação ativa, a importância da autonomia discente e a necessária reconfiguração da atuação docente. Tais elementos são essenciais para compreender como o aluno assume, de fato, o papel de protagonista em sua formação acadêmica, social e ética.

## **CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM QUE FUNDAMENTAM AS METODOLOGIAS ATIVAS**

As metodologias ativas não representam apenas uma inovação técnica ou o uso de ferramentas digitais, mas sim uma mudança de paradigma sustentada por robustas concepções de aprendizagem que privilegiam a construção do conhecimento em detrimento da mera recepção de informações. A base teórica que dá suporte a esse

movimento encontra-se, primordialmente, no construtivismo e no sociointeracionismo, correntes que deslocam o eixo do processo educativo do "ensinar" para o "aprender".

No âmbito do construtivismo, Jean Piaget postula que o conhecimento não é uma cópia da realidade, mas uma construção contínua realizada pelo sujeito através de sua interação com o meio. Para que a aprendizagem ocorra, o indivíduo deve passar por processos de desequilíbrio, assimilação e acomodação. Conforme afirma Piaget (1970, p. 27): "O conhecimento não é uma cópia da realidade. Conhecer um objeto é agir sobre ele. Conhecer é reconstruir o sistema de transformações que fornecem a base para o objeto."

Essa perspectiva corrobora a essência das metodologias ativas, que colocam o aluno diante de situações-problema e desafios reais, exigindo que ele mobilize esquemas mentais prévios para construir novas soluções. O erro, nesse contexto, deixa de ser um sinal de fracasso e passa a ser compreendido como uma etapa necessária da investigação e da construção do saber.

Complementarmente, a teoria sociointeracionista de Lev Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento cognitivo é um processo socialmente mediado. A aprendizagem ocorre na interação com o outro, onde a troca de experiências e o diálogo permitem que o estudante alcance níveis de compreensão que não atingiria isoladamente. Para Vygotsky, O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam (Vygotsky, 1991, p. 105).

Nas metodologias ativas, essa natureza social manifesta-se no incentivo constante à colaboração e ao trabalho em equipe. A sala de aula transforma-se em um ecossistema de aprendizagem onde o estudante, ao explicar seus pontos de vista para os pares, consolida sua própria compreensão.

Ademais, é fundamental citar a Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel. Para que o conteúdo seja verdadeiramente aprendido e não apenas memorizado temporariamente, ele deve ancorar-se em "subsunçores" ou conhecimentos prévios já existentes na estrutura cognitiva do aluno. Segundo Ausubel, Se tivesse que reduzir toda a psicologia educativa a um único princípio, diria o seguinte: o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Averigüe isso e ensine-o de acordo (1980, p. 71)

Assim, as metodologias ativas utilizam essa premissa ao contextualizar os temas abordados, partindo de problemas do cotidiano ou de projetos interdisciplinares que

façam sentido para a realidade do estudante. Ao unir o agir piagetiano, o interagir vygotskyano e o ancorar ausubeliano, o processo de ensino-aprendizagem rompe com a passividade e promove um desenvolvimento integral, focado na autonomia e no pensamento crítico.

Essa integração teórica permite compreender que a aprendizagem ativa não é um evento isolado, mas um processo contínuo de reestruturação cognitiva e social. Ao considerar os conhecimentos prévios como o alicerce para novas descobertas, as metodologias ativas transformam o ambiente escolar em um laboratório de experimentação e investigação, onde o conteúdo deixa de ser um fim em si mesmo para se tornar um meio de compreensão da realidade.

Nessa perspectiva, a proposta de "aprender fazendo" ganha contornos mais nítidos. O engajamento do estudante é potencializado quando ele percebe a aplicabilidade prática daquilo que estuda, o que favorece não apenas a retenção do conhecimento, mas a sua transposição para diferentes contextos. A participação ativa atua como um catalisador da motivação intrínseca, pois o aluno, ao ser desafiado por situações-problema e projetos interdisciplinares, assume a responsabilidade pela busca de soluções, desenvolvendo uma postura proativa diante dos obstáculos.

Além disso, essa fundamentação teórica robustece a transição de um ensino focado na memorização para um ensino baseado no desenvolvimento de competências. Ao agir, interagir e ancorar novos saberes, o discente exercita habilidades socioemocionais e cognitivas de ordem superior, como a análise crítica, a capacidade de síntese e a colaboração. O erro, dentro dessa lógica construtivista e sociointeracionista, deixa de ser objeto de punição e passa a ser encarado como um componente pedagógico essencial: um indicativo das hipóteses do aluno que, uma vez mediadas, levam ao refinamento do raciocínio e à construção de um saber mais sólido e consciente.

## **AUTONOMIA E PROTAGONISMO DISCENTE NO PROCESSO EDUCATIVO**

O conceito de protagonismo discente nas metodologias ativas ultrapassa a simples participação em sala de aula; ele refere-se à capacidade do estudante de gerir seu percurso formativo com consciência e intencionalidade. Essa autonomia não é um estado nato, mas uma conquista processual mediada por práticas pedagógicas que incentivam a tomada de decisão e a reflexão crítica.

Na literatura educacional brasileira, Paulo Freire é a referência primordial para a compreensão da autonomia. Para Freire (1996, p. 107), "ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Sob essa ótica, o protagonismo emerge quando o espaço educativo permite que o aluno saia da condição de objeto das decisões do professor para assumir a condição de sujeito de sua história e de sua aprendizagem.

A autonomia, no contexto das metodologias ativas, exige o que o educador brasileiro José Manuel Moran define como "aprendizagem para a vida". Segundo Moran,

Os processos de aprendizagem são cada vez mais abertos, participativos, contínuos, mas também precisam de momentos de maior interiorização, de foco e de síntese. A autonomia se constrói na interação entre o desejo pessoal de aprender e as oportunidades que o meio oferece (Moran, 2015, p. 17).

Nesse sentido, o protagonismo discente está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento de competências socioemocionais, como a responsabilidade e a colaboração. Ao ser colocado no centro do processo, o aluno é instigado a pesquisar, selecionar informações e resolver problemas, o que gera um maior engajamento e motivação intrínseca. A aprendizagem deixa de ser uma imposição externa para se tornar uma busca dotada de sentido pessoal e social.

Sendo importante ressaltar que a autonomia não significa isolamento. Como aponta a pesquisadora brasileira Lilian Bacich (2018), o protagonismo ocorre em um ecossistema de interações onde a liberdade do aluno é balizada pelo rigor metodológico e pela mediação pedagógica. Portanto, ser protagonista é assumir uma postura ativa diante do desafio de "aprender a aprender", desenvolvendo a capacidade crítica de avaliar o próprio progresso e os limites do conhecimento construído.

A transição para o protagonismo exige, deste modo, uma reconfiguração da cultura escolar, que historicamente privilegiou a obediência em detrimento da iniciativa. A autonomia não deve ser confundida com a ausência de diretrizes, mas sim compreendida como a capacidade de agir dentro de um campo de possibilidades com consciência das consequências e dos métodos aplicados. Como destaca o educador brasileiro Cipriano Luckesi (2011), o ato de aprender exige um engajamento total do sujeito, envolvendo não apenas o intelecto, mas também sua vontade e afetividade. Ao assumir o controle de suas ações pedagógicas, o aluno desenvolve a autorregulação, habilidade essencial para o aprendizado contínuo ao longo da vida.

Além disso, o protagonismo discente nas metodologias ativas atua como um exercício de cidadania. Ao participar ativamente da construção de projetos e da resolução de problemas complexos, o estudante exercita o pensamento crítico sobre a realidade que o cerca, extrapolando os muros da sala de aula. Nessa proposição, o aluno deixa de ser um acumulador de informações para tornar-se um produtor de sentidos. A liberdade de escolha e a responsabilidade pelas soluções propostas fortalecem a autoconfiança, permitindo que o discente reconheça sua capacidade de transformar o ambiente social e profissional por meio do conhecimento aplicado.

De tal modo, a autonomia consolidada nesse processo não é apenas uma estratégia didática, mas uma finalidade ética da educação contemporânea. Ao promover o aluno ao posto de sujeito ativo, a escola cumpre sua função de formar indivíduos aptos a lidar com as incertezas e os desafios de uma sociedade em constante mutação, garantindo que a aprendizagem seja, de fato, significativa e transformadora.

## **O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR NAS METODOLOGIAS ATIVAS**

A implementação das metodologias ativas não torna a figura do professor obsoleta; pelo contrário, complexifica sua atuação ao exigir competências que transcendem a mera exposição magistral de conteúdo. O docente deixa de ser o centro das atenções para atuar como um arquiteto de percursos de aprendizagem, um mediador que instiga, orienta e fornece o suporte necessário para que o aluno percorra seu próprio caminho de descoberta.

Nesse novo paradigma, a atuação docente assemelha-se ao que o educador brasileiro Marcos Masetto define como mediação pedagógica. Segundo Masetto (2013, p. 48), mediar é "o ato de colocar-se como ponte, como elo, entre o aprendiz e o objeto de conhecimento, de modo que o aluno seja provocado a interagir com o saber de forma crítica". Complementando essa visão, Paulo Freire (1996, p. 52) reforça que "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", estabelecendo uma relação dialógica onde o professor não é apenas o que ensina, mas aquele que, enquanto ensina, é ensinado no diálogo com os alunos.

A autoridade do professor mediador é, portanto, ressignificada: ela não se sustenta no poder de silenciar a turma ou na detenção exclusiva da informação, mas na sua capacidade de inspirar e organizar o processo educativo. José Manuel Moran (2018)

destaca que, o papel do professor é o de gestor de aprendizagem, de orientador, de mentor, de alguém que acompanha o processo, que dá feedback constante e que ajuda o aluno a dar sentido ao que está aprendendo (Moran, 2018, p. 28).

Nessa mesma linha, a pesquisadora brasileira Selma Garrido Pimenta discute a importância do "professor reflexivo". Para Pimenta (2002), o docente deve ser capaz de refletir sobre sua prática para transformá-la, abandonando a postura de técnico executor para assumir a de intelectual crítico. Essa reflexividade é vital para identificar o momento exato de intervir sem sufocar a autonomia do estudante. O professor deve estar preparado para atuar na "Zona de Desenvolvimento Proximal" do aluno, oferecendo o suporte (andaime) necessário para que o estudante suba novos degraus de complexidade cognitiva.

Aprofundando a dimensão relacional, o educador brasileiro Celso Vasconcellos (2002) aponta que a mediação envolve também a dimensão afetiva e o estabelecimento de vínculos. Sem a confiança no mediador, o aluno dificilmente se sentirá seguro para assumir os riscos inerentes ao protagonismo, como o enfrentamento do erro. Ademais, Lea Depresbiteris (2009) ressalta que o professor mediador desempenha um papel fundamental na avaliação formativa, acompanhando o percurso do aluno e intervindo de forma diagnóstica.

Em um mundo saturado de informações, a função docente expande-se para a curadoria de conteúdo. Cabe ao professor ensinar o aluno a filtrar, analisar criticamente e validar as fontes, garantindo que a autonomia discente seja acompanhada de rigor científico. Portanto, ser mediador é exercer uma liderança intelectual que empodera o aluno, preparando-o para a complexidade e para a autonomia exigidas pela sociedade contemporânea, transformando a sala de aula em um espaço de investigação mútua e crescimento compartilhado.

## **APRENDIZAGEM ATIVA E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS**

A adoção de metodologias ativas fundamenta-se na premissa de que a educação contemporânea deve transcender o acúmulo de conteúdos enciclopédicos, voltando-se para o desenvolvimento de competências que permitam ao estudante mobilizar saberes em contextos reais. Nesse cenário, a competência é compreendida como a articulação

entre conhecimentos, habilidades e atitudes, transformando o aprendizado em uma ferramenta de intervenção social e profissional.

No Brasil, essa perspectiva é amplamente discutida sob a influência de Philippe Perrenoud. Para o autor, o desenvolvimento de competências exige uma ruptura com a passividade, pois "uma competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações, etc.) para solucionar com eficácia e pertinência uma série de situações" (Perrenoud, 2000, p. 19). As metodologias ativas oferecem o cenário ideal para essa mobilização, uma vez que retiram o objeto de estudo da abstração teórica e o inserem na esfera da resolução de problemas.

Complementando essa visão, o educador brasileiro Vasco Moretto (2002) destaca que o desenvolvimento de competências está intrinsecamente ligado à capacidade de o aluno atribuir significado ao que aprende. Sob o prisma das metodologias ativas, o estudante não apenas armazena dados, mas desenvolve a "competência de aprender", o que o torna apto a buscar novas informações de maneira autônoma e crítica ao longo da vida.

Ademais, a relação entre o protagonismo discente e as competências socioemocionais é ressaltada por autores como José Manuel Moran. Segundo o pesquisador, as práticas ativas estimulam a colaboração e a empatia, uma vez que "aprender hoje não é apenas um processo individual, mas também um processo social e colaborativo" (MORAN, 2018, p. 15). Ao trabalharem em equipe, os alunos exercitam a negociação, o respeito à alteridade e a liderança, competências fundamentais para o cidadão do século XXI.

Compreendemos assim, que a aprendizagem ativa funciona como um catalisador para a formação integral. Como afirma Guiomar Namó de Mello (2004, p. 81), "a competência é um saber em uso, é a capacidade de agir frente a situações inesperadas e complexas". Ao colocar o aluno como centro da ação educativa, as metodologias ativas garantem que o conhecimento construído seja sólido e aplicável, preparando o sujeito não apenas para o mercado de trabalho, mas para o exercício pleno da autonomia e da crítica social.

## **METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

A transposição dos pressupostos teóricos para a prática cotidiana das instituições de ensino exige a adoção de estratégias que materializem a participação ativa do estudante. As metodologias ativas não se configuram apenas como um conjunto isolado de técnicas, mas como um ecossistema pedagógico que reorienta o fluxo do conhecimento, partindo de situações reais para a construção de saberes complexos. Nesse contexto, o processo de ensino-aprendizagem deixa de ser focado na mera exposição de conteúdos e passa a ser estruturado em torno de experiências que desafiam a capacidade analítica e propositiva do aluno.

A aplicação dessas metodologias pressupõe uma integração harmônica entre o planejamento docente, o uso de recursos diversificados e a abertura para a experimentação. Conforme as demandas da educação contemporânea, tais práticas buscam romper com a linearidade do ensino tradicional, oferecendo caminhos que favoreçam a autonomia e o pensamento crítico. A seguir, serão detalhadas algumas das principais abordagens que permitem ao discente atuar como sujeito central de sua formação, analisando suas características e contribuições para o cenário educacional atual.

### **SALA DE AULA INVERTIDA**

A Sala de Aula Invertida constitui-se como uma estratégia que subverte a lógica do ensino convencional, na qual o contato inicial com o conteúdo ocorre de forma individual e prévia, geralmente mediado por tecnologias. Segundo Bergmann e Sams (2016, p. 11), pioneiros na sistematização deste método, a inversão permite que o tempo em sala de aula seja otimizado: "o que antes era feito em classe — a instrução direta — agora é feito em casa, e o que era feito em casa — a lição — agora é feito na escola".

No Brasil, Valente (2014) destaca que essa metodologia altera profundamente a dinâmica da aula, pois o professor deixa de gastar a maior parte do tempo com explanações teóricas básicas e passa a focar em atividades práticas, debates e na resolução de dúvidas complexas. Essa abordagem favorece o protagonismo discente ao exigir que o aluno se responsabilize pelo seu estudo prévio, desenvolvendo hábitos de pesquisa e autogestão do tempo.

A eficácia da sala de aula invertida reside na mudança da taxonomia de aprendizagem aplicada no ambiente coletivo. Conforme apontam Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 42), enquanto no modelo tradicional o aluno consome informações passivamente na escola e tenta aplicá-las sozinho em casa, na sala invertida ele "realiza as tarefas de nível cognitivo mais simples (lembrar e compreender) fora da sala e as de nível mais complexo (aplicar, analisar, avaliar e criar) com o suporte do professor e a colaboração dos colegas".

Dessa forma, a sala de aula torna-se um laboratório de aprendizagem ativa, onde a interação social e a mediação docente são direcionadas para os pontos de maior dificuldade dos estudantes. O engajamento é estimulado pela percepção de que o tempo presencial é valioso para a construção coletiva e para a superação de desafios práticos, consolidando a autonomia prevista nos pressupostos teóricos do ensino contemporâneo.

## **APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS E PROJETOS**

A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) e a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABProj) representam abordagens que deslocam o eixo do ensino da teoria abstrata para a investigação prática e contextualizada. Embora possuam distinções operacionais, ambas compartilham o objetivo de colocar o estudante diante de situações que exigem a aplicação de conhecimentos interdisciplinares para a busca de soluções.

Na Aprendizagem Baseada em Problemas, o processo educativo inicia-se com um cenário ou problema específico, que serve como gatilho para a busca de novos conhecimentos. De acordo com Berbel (1998, p. 142), uma das principais referências brasileiras no tema, essa metodologia visa "levar o aluno a aprender a aprender, habilitando-o a lidar com situações reais, de forma reflexiva e crítica". O aluno não recebe a solução, mas deve identificar o que já sabe e o que precisa aprender para resolver a questão proposta.

Por outro lado, a Aprendizagem Baseada em Projetos foca na construção de um produto final ou de uma intervenção concreta em um período mais longo de tempo. Segundo Bender (2014),

A aprendizagem baseada em projetos é uma metodologia de ensino na qual os alunos se envolvem em um processo contínuo de investigação em resposta a uma pergunta, problema ou desafio complexo (Bender, 2014, p. 15).

No contexto brasileiro, William Ceretta Oliveira (2018) destaca que o trabalho com projetos favorece a interdisciplinaridade, permitindo que o aluno perceba a conexão entre diferentes áreas do saber. Essa prática promove o protagonismo ao exigir autonomia na gestão do projeto, colaboração no trabalho em equipe e responsabilidade com os prazos e resultados. A análise de situações-problema e a execução de projetos interdisciplinares transformam o erro em uma variável de investigação, permitindo que o estudante aprenda por meio da experimentação contínua.

Assim, ao enfrentar desafios reais, o discente deixa de ser um acumulador de fórmulas para tornar-se um solucionador de problemas, desenvolvendo competências técnicas e socioemocionais indispensáveis para a vida em sociedade.

## **ENSINO HÍBRIDO E USO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**

O ensino híbrido, não se resume à simples alternância entre aulas presenciais e atividades on-line; trata-se de uma abordagem metodológica que integra o melhor dos dois mundos para oferecer uma experiência de aprendizagem mais personalizada e eficiente. Nessa modalidade, as tecnologias educacionais deixam de ser meros acessórios e passam a atuar como ferramentas fundamentais para que o estudante exerça seu protagonismo em tempos e espaços distintos.

Segundo Clayton Christensen, Michael Horn e Heather Staker (2013), referências internacionais na sistematização do tema, o ensino híbrido é um programa de educação formal no qual o aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle sobre o tempo, o lugar, o caminho e o ritmo. No cenário brasileiro, Lilian Bacich (2015) reforça essa ideia ao afirmar que:

O ensino híbrido permite que o professor utilize os dados gerados pelas ferramentas digitais para conhecer melhor as necessidades de cada aluno, tornando a mediação presencial muito mais assertiva e focada nas dificuldades individuais ou de pequenos grupos (Bacich, 2015, p. 52).

A integração entre práticas presenciais e digitais favorece a diversificação das estratégias de ensino. Modelos como a "Rotação por Estações", por exemplo, permitem que os estudantes circulem por diferentes atividades dentro da sala de aula, sendo que ao menos uma delas envolve o uso de tecnologias digitais de forma autônoma. Essa dinâmica rompe com a uniformidade do ensino tradicional, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem.

Ademais, o uso de tecnologias educacionais nas metodologias ativas promove o desenvolvimento da cultura digital. Como aponta José Manuel Moran (2018), as tecnologias facilitam a criação de ecossistemas abertos de aprendizagem, onde o aluno pode pesquisar, produzir conteúdo multimídia e colaborar em rede. A tecnologia, portanto, atua como um catalisador da curiosidade investigativa e da responsabilidade, uma vez que o discente precisa gerenciar sua navegação e interações no ambiente virtual.

Assim, o ensino híbrido e as tecnologias educacionais, quando bem planejados, não afastam o aluno do professor ou dos colegas; ao contrário, eles liberam o tempo presencial para interações humanas mais profundas, discussões críticas e projetos colaborativos, consolidando uma educação que é, ao mesmo tempo, tecnológica e humanizada.

## **O ALUNO COMO PROTAGONISTA DA PRÓPRIA APRENDIZAGEM**

O protagonismo discente não é apenas uma diretriz metodológica, mas uma condição que reconfigura a identidade do estudante, exigindo dele novas posturas diante do saber, do erro e da coletividade.

O protagonismo discente nas metodologias ativas é o alicerce para a formação de indivíduos autônomos e críticos. A autonomia, conforme discutido por Freire (1996), não se consolida no isolamento, mas na capacidade de tomar decisões fundamentadas e responsáveis dentro do processo de aprendizagem. Ao ser instigado a pesquisar e solucionar problemas, o aluno exercita o pensamento crítico, que consiste na habilidade de analisar informações, identificar vieses e construir argumentos próprios.

Além da esfera individual, o protagonismo manifesta-se na colaboração. Para Vygotsky (1991), o desenvolvimento ocorre na interação; nas práticas ativas, o aluno protagonista reconhece-se como parte de um coletivo, onde a responsabilidade pelo sucesso de um projeto é compartilhada. Essa dinâmica desenvolve competências socioemocionais essenciais, pois exige empatia, escuta ativa e a capacidade de negociar pontos de vista para atingir um objetivo comum.

O impacto das metodologias ativas no envolvimento dos estudantes é visível na transição da motivação extrínseca (estudar para obter nota) para a motivação intrínseca (estudar pelo interesse no desafio). Quando o conteúdo é apresentado de forma contextualizada e desafiadora, o engajamento aumenta. Conforme aponta Moran (2018),

o aluno sente-se motivado quando percebe que sua ação tem efeito direto no resultado da aprendizagem.

A participação ativa rompe com a apatia característica das aulas meramente expositivas. Ao utilizar estratégias como a gamificação ou a sala de aula invertida, o estudante é mobilizado emocional e cognitivamente. Segundo Bacich (2015, p. 78), "o engajamento é potencializado quando o aluno tem clareza dos objetivos e percebe que possui as ferramentas necessárias para ser o autor de suas descobertas", transformando o ambiente escolar em um espaço de prazer intelectual e descoberta constante.

A máxima do "aprender fazendo" (*learning by doing*), imortalizada por John Dewey, ganha uma nova dimensão nas metodologias ativas ao ressignificar o papel do erro. No modelo tradicional, o erro é punido e evitado; na aprendizagem ativa, ele é visto como um dado de investigação e uma etapa necessária da experimentação. A investigação científica e a construção do conhecimento exigem que o aluno teste hipóteses, falhe e refine seu raciocínio.

Como destaca Piaget (1970), a equilibração majorante ocorre justamente quando o sujeito enfrenta um obstáculo que suas estruturas mentais atuais não conseguem resolver. Portanto, ao permitir que o aluno experimente, a escola promove uma aprendizagem mais profunda. O erro passa a ser um componente pedagógico que estimula a resiliência e a curiosidade, permitindo que o conhecimento construído seja fruto de uma reflexão consciente sobre as próprias tentativas e não apenas da repetição de verdades estabelecidas.

## **DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA IMPLEMENTAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS**

A migração de um modelo de ensino passivo para uma abordagem ativa não ocorre de maneira automática apenas com a introdução de novas ferramentas. Ela exige o enfrentamento de desafios culturais, formativos e avaliativos que perpassam toda a estrutura da instituição de ensino.

A implementação eficaz das metodologias ativas esbarra, frequentemente, na resistência cultural e na carência de formação específica dos professores. Muitos docentes foram formados em um modelo tradicional e sentem-se inseguros ao abrir mão do controle absoluto da exposição de conteúdo. Como aponta Imbernón (2010, p. 75), "a

formação de professores deve ir além do treinamento técnico, estimulando a reflexão sobre a própria prática e a capacidade de adaptação a novos contextos sociais e tecnológicos".

A necessidade de formação continuada é, portanto, imperativa. Não se trata apenas de aprender a utilizar softwares, mas de desenvolver uma nova mentalidade pedagógica que compreenda a mediação como forma de autoridade intelectual. Selma Garrido Pimenta (2002) reforça que o "professor reflexivo" é aquele que consegue ressignificar seu papel, compreendendo que sua atuação é vital para criar o "andaime" pedagógico que sustenta a autonomia discente. Sem esse investimento no capital humano, as metodologias correm o risco de se tornarem apenas atividades recreativas sem profundidade teórica.

Um dos maiores desafios na implementação de práticas ativas é a manutenção de sistemas avaliativos tradicionais, focados apenas na memorização e em provas somativas ao final do bimestre. Para que haja coerência, a avaliação deve ser processual e formativa. Segundo Hoffmann (2001, p. 18), avaliar para promover a aprendizagem significa "observar, acompanhar e mediar o processo de construção do conhecimento, e não apenas classificar o aluno em aprovado ou reprovado".

Nesse sentido, instrumentos como portfólios, autoavaliações, rubricas e a avaliação por pares tornam-se fundamentais. Essas estratégias permitem que o aluno receba *feedbacks* constantes, possibilitando a correção de rumos durante o processo e não apenas após a sua conclusão. A avaliação deixa de ser um instrumento de punição ou controle para se tornar uma ferramenta de diagnóstico que auxilia tanto o aluno em sua autogestão quanto o professor em sua mediação pedagógica.

Apesar dos desafios, as potencialidades das metodologias ativas na educação básica são vastas. Ao aproximar o conteúdo escolar da realidade dos estudantes por meio de problemas e projetos, a escola recupera o seu sentido social. As contribuições para a melhoria da qualidade do ensino manifestam-se na redução da evasão escolar e no aumento do engajamento discente, uma vez que o aprendizado passa a ser visto como algo útil e aplicável.

De acordo com Bacich (2015), as metodologias ativas permitem trabalhar as dez competências gerais da BNCC de forma integrada, preparando a criança e o adolescente não apenas para provas de admissão, mas para a vida em sociedade. A capacidade de investigar, colaborar e resolver conflitos são "potencialidades pedagógicas que

transformam a escola em um espaço de vivência democrática e de construção de cidadania crítica" (MORAN, 2018). Assim, a possibilidade de uma educação transformadora reside na coragem de romper com o conservadorismo e abraçar a inovação como um caminho para a equidade e a excelência educativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar de que maneira as metodologias ativas favorecem o protagonismo discente no processo de ensino-aprendizagem. Ao longo da discussão, evidenciou-se que a transição do modelo tradicional para práticas centradas no estudante não é apenas uma mudança de técnica, mas uma profunda reconfiguração do paradigma educacional. A análise dos pressupostos teóricos demonstrou que as abordagens ativas encontram sustentação sólida em autores como Piaget, Vygotsky e Freire, que já apontavam a necessidade de uma educação pautada na ação, na interação e na autonomia.

As estratégias discutidas — como a sala de aula invertida, a aprendizagem baseada em problemas e o ensino híbrido — revelaram-se instrumentos eficazes para materializar essa mudança. Elas permitem que o estudante desenvolva competências essenciais para o século XXI, incluindo o pensamento crítico, a colaboração e a responsabilidade. Observou-se que, ao assumir o papel de protagonista, o aluno aumenta o seu engajamento e a sua motivação, passando a compreender o erro não como um fracasso, mas como uma etapa fundamental da investigação e da construção do conhecimento.

Contudo, a implementação dessas práticas não está isenta de desafios. Conforme discutido, a consolidação das metodologias ativas exige uma formação docente continuada e uma mudança de mentalidade que ressignifique o papel do professor de "transmissor" para "mediador". Além disso, é imperativo que as instituições revejam seus modelos avaliativos, migrando de sistemas meramente somativos para práticas formativas que acompanhem o percurso do estudante com rigor e empatia.

Contudo, o protagonismo discente contribui para uma aprendizagem significativamente mais crítica e alinhada às demandas da sociedade atual. Conclui-se que, embora o caminho para a inovação pedagógica exija esforços estruturais e culturais, as potencialidades para a melhoria da qualidade do ensino são amplas. Sugere-se, para estudos futuros, a investigação de impactos específicos dessas metodologias em

diferentes contextos socioeconômicos, visando estratégias que garantam a democratização do acesso a uma educação verdadeiramente transformadora.

## REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1980.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (org.). **Ensino híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BENDER, William N. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre: Penso, 2014.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DEPRESBITERIS, Lea; TAVARES, Marialva Rossi. **Diversificar é preciso**: instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem. São Paulo: Senac, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2013.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação escolar básica**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Cortez, 2004.

MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 79-97, 2014. Edição Especial.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico**: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.